

# Classe média fica pobre

● Com salários achatados e poupanças confiscadas, sua capacidade de consumo diminui

Carina Caldas

□ A classe média brasileira está ameaçada de extinção. Se ao longo da década de 80 ela já havia descido vários degraus no mercado de consumo, os últimos dois anos foram ainda mais impiedosos. Confiscada de suas aplicações e achatada pelos baixos salários, a faixa intermediária da população — segundo a Ordem dos Economistas de São Paulo, as famílias com renda mensal de seis a 33 salários mínimos — está

mais próxima do operário que do patrão. O Painel do Ibope — pesquisa em 5.740 domicílios do país — revela que a perda de importância da classe média (chamada de classe C) no mercado consumidor foi maior do que a registrada nas faixas de menor poder aquisitivo. Se no primeiro semestre de 1990 ela respondia por 33% do consumo de alimentos industrializados no país, nos primeiros seis meses desse ano não representava mais do que 31%. No consumo de itens de

## Os salários minguam

De 1989 até agora, o salário de profissionais que ocupam diferentes cargos gerenciais evoluiu bem mais do que aquele recebido por um operário semi-qualificado. Isso, no entanto, não significa que nesse intervalo de tempo gerentes de diferentes áreas tenham conseguido manter seu padrão de vida. Eles também tiveram de apertar o cinto para conviver com a austeridade nos hábitos, costumes e no consumo.

“As condições mínimas de estabilidade e manutenção de padrão de vida de uma família de classe média estão em cheque”, afirma Olga Colpo, diretora de Recursos Humanos da Coopers & Lybrand, empresa de consultoria que, entre outras coisas, acompanha a evolução do salário de executivos. Segundo ela, a antiga indexação dos salários à inflação criou a ilusão de que os contracheques estavam protegidos contra a evolução dos preços. Hoje, vê-se claramente que tal expediente, de fato, não passou de um paliativo.

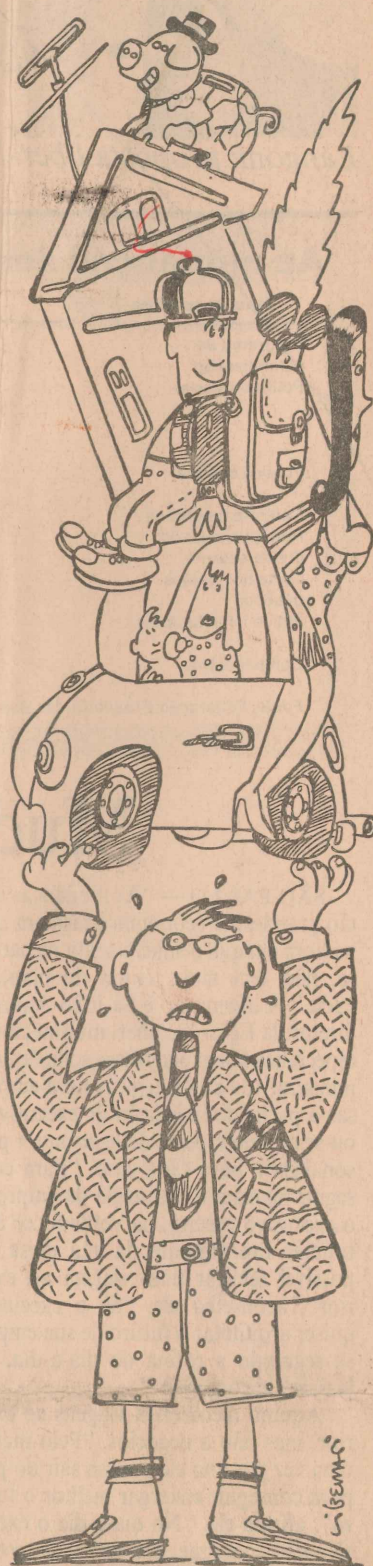
**Empobrecimento** — De outubro de 1989 até agora, a evolução dos salários médios para cargos gerenciais foi de 33,3%. Mas esse crescimento foi nominal. Se fosse real, as antecipações salariais dadas a esses profissionais deveriam ter zerado a inflação — algo que não aconteceu. Além disso, Olga ressalva o fato de que essa conta não inclui a inflação de 44,80% de abril do ano passado. A soma desses dois fatos explica o empobrecimento desses profissionais e a razão

pela qual eles não conseguiram manter o padrão ou o status de classe média.

A consequência foi uma mudança radical no modo de vida dessa parcela da população. Até meados da década de 80, assalariados como gerentes, lembra a diretora da Coopers, frequentavam restaurantes e teatros semanalmente, trocavam de carro a cada ano, faziam questão de matricular os filhos nas melhores escolas particulares e renovavam seu guarda-roupa amiúde. Em seus bares também era habitual a presença de bebidas importadas. “O consumo desse tipo de pessoas é composto por itens que não constam da cesta básica usada para medir a inflação”, diz ela. “O empobrecimento maior foi do padrão de vida”, afirma.

A crise não bateu à porta desses profissionais apenas na forma de índices de inflação que corroeram salários. Eles também sofreram na pele a reestruturação feita pelas companhias que, a cada dia, empenharam-se mais em enxugar seus custos. Um dos instrumentos para alcançar esse objetivo foi o enxugamento dos cargos de gerência.

De acordo com a Coopers & Lybrand, o salário médio de um gerente, que em outubro de 89 estava em Cr\$ 1.860.000, passou para Cr\$ 2.263.000 um ano depois, e baixou para Cr\$ 2.257.000 em maio deste ano, considerando-se a correção pelo IPC, até fevereiro de 1991 e, posteriormente, pelo IGP-M. Agora em novembro, este ganho foi estimado em Cr\$ 2.479.000. (Tatiana Petit)



higiene pessoal, seu espaço foi reduzido de 33% para 30%. O carro novo também virou, ao lado da casa própria, apenas sonho para boa parte dos assalariados. O total de automóveis de passeio e uso misto não saiu dos 10 milhões entre 1987 e 1990, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. E o envelhecimento da frota nacional é facilmente detectado pelos milhares de carros de idade avançada, muitos até fora de linha, que ainda circulam

pelas ruas. A falta de dados mais recentes dificulta a tarefa de se medir o tamanho da classe média: a última Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar, do IBGE, refere-se a 1988. Tanto que o Ibope ainda trabalha com números dessa época. Do total da população, 15% são da classe B e 27,8% da classe C. Mas, o perfil da classe média mudou tanto que as próprias indústrias estão em busca de novos parâmetros para medir seu mercado. Certamente o Censo 1991 vai revelar a fundo essa nova face.

## Menos TVs e geladeiras

SÃO PAULO — A míngua do dinheiro no bolso do brasileiro não é mensurável apenas pelo volume de mercadorias que cada cidadão deposita no carrinho do supermercado a cada semana. Há dados conjunturais que expressam com maior frieza o empobrecimento do que convencionou-se chamar de classe média. Dados da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica e de fabricantes do setor testemunham que a cada ano sobrou menos espaço para melhorar a qualidade de vida. O consumo de geladeiras e televisores serve como forte indicador nesse sentido.

Calcula-se que a idade média das geladeiras que funcionam nas casas brasileiras é de 15 anos. Os motivos de compra desses aparelhos restringem-se a separações conjugais ou novos casamentos. Nos últimos dez anos, os consumi-

dores deixaram de comprar 26 milhões de geladeiras, segundo Paulo Velinho, presidente da Abinee. Esse seria o volume que os fabricantes teriam vendido a mais entre 1981 e este ano, caso tivesse se mantido a taxa de crescimento da economia e os níveis de emprego e renda do trabalhador brasileiro. De 1981 a 1990, deveriam ter sido produzidos 45 milhões de refrigeradores. Mas este número ficou em modestos 19 milhões.

Os televisores também apontam nessa direção. O volume de aparelhos vendidos nos últimos 11 anos é praticamente o mesmo registrado em 1980, de acordo com João Hipólito, gerente de marketing da Sharp: “Em 1980, o mercado de TVs no Brasil foi de 2,8 milhões de unidades. Uma década depois, continuamos no mesmo patamar.” (Tatiana Petit)

### Evolução das vendas de eletrodomésticos

(em mil unidades)				
Aparelho	1988	1989	1990	(jan-set) 1991
Geladeira	1.651	1.931	1.910	1.695
TV cor	2.101	2.119	2.314	1.752
TV PB	596	581	577	425
Condicionador de ar	424	481	427	238
Liquidificador	2.348	2.408	2.134	1.888
Aspirador de pó	295	344	348	232





□ A advogada Cristina Pereira está cercada das agruras que marcam hoje a vida da ex-privilegiada classe média. Desempregada, ela se viu obrigada a alugar sua ampla casa na Ilha do Governador e se mudar para um apartamento menor, alugado, no mesmo bairro. Com isso, obtém renda mensal de Cr\$ 300 mil. Carro novo, nem pensar. “Meu Passat é de 82 e foi comprado zero-quilômetro. Tentei trocá-lo por um menos velho, mas seria preciso vender dois de meus telefones para cobrir a diferença. Não vale a pena. Ainda mais porque teria que arcar com o seguro, que anda carís-

simo”, comentou Cristina, enquanto seu filho colocava sacolas de compras na mala do Passat — estacionado no Norteshopping. “Vim atrás das ofertas do supermercado.” O casal Lurdes e José de Souza — ele, médico, com renda mensal de Cr\$ 800 mil — até conseguiu trocar de carro. Venderam o Chevette ano 80 e ficaram com um modelo 89. “Mas, para isso, tivemos que entrar no financiamento”, disse Lurdes. Assim, apesar de querer trocar o fogão velho, a família Souza apenas olhava as vitrines das lojas de eletrodomésticos do shopping

## Padrão de vida piora a cada ano

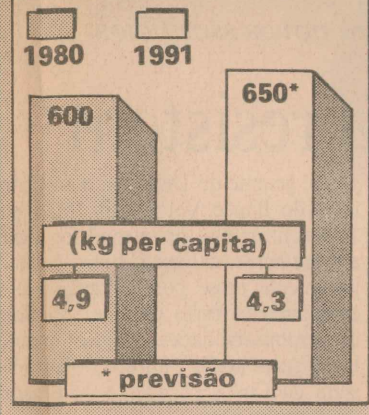
O empobrecimento que tomou conta do país, nos últimos dois anos, é ainda mais amargo por ter chegado após a chamada década perdida. Os efeitos desses contrastes só serão conhecidos a fundo quando o IBGE divulgar, em 1992, os resultados do Censo ainda em elaboração.

Mas pela comparação do Censo de 1980 com outros dados levantados também pelo IBGE em 1989, já é possível ter uma idéia de como e em quanto os brasileiros desceram de padrão em renda, educação e moradia. E aí a classe média, mesmo empobrecida, fica de fora dos dados mais estupefacentes. Em 1988, 31,4% dos trabalhadores viviam com renda mensal de um a dois salários mínimos. No ano seguinte, o percentual subiu para 48,6% — na época, 30 milhões de pessoas, segundo o PNAD.

O Censo de 80 apurou que 22% dos domicílios do país não contavam com serviço de esgoto — de qualquer espécie. Em 1989, a Pesquisa Nacional sobre Saneamento Básico descobriu que essa parcela havia subido para 45,4% dos domicílios do país. E, entre os municípios, apenas 47% tinham rede de esgoto. O crescimento da população, portanto, foi acompanhado pelo aumento das formas de moradias precárias. Em São Paulo, 67% da população, 7,7 milhões de pessoas, vivem em favelas, cortiços, loteamentos clandestinos ou simplesmente espalhadas pelas ruas.

### Massas

(1000 ton)

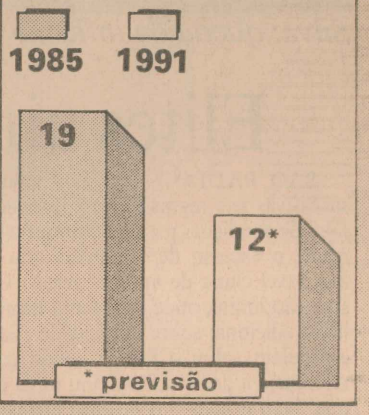


Fonte: Abima e IBGE

□ Os brasileiros estão em dieta forçada. A diminuição no consumo de carne atinge por igual os cortes nobres e os de segunda. Em junho, a previsão do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes do Rio era de que o consumo per capita no país lechasse o ano em 14 kg. Mas, por conta dos péssimos resultados nos últimos dois meses, os novos cálculos apontam para apenas 12 kg per capita — em 1985 foram 19 kg. Somente nos primeiros dias de novembro o consumo de leite C no país caiu 2% em relação a outubro. Apesar de se tratar de um produto po-

### Carne bovina

(kg per capita)



Fonte: Sindicato do Comércio Varejista de Carnes do Rio

pular, o presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios e Produtos Derivados de São Paulo, Carlos Humberto de Carvalho, garante que “esse número, bastante expressivo, indica que a classe média está tomando menos leite”. A queda do consumo das massas, outro produto popular, é tão significativa que é impossível atribuí-la apenas aos consumidores de menor renda. “A previsão era de encerrar 1991 com um total de 750.000 t (vendidas), mas não chegará a 700.000, diz Aluísio Quintanilha, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Massas



# Aluga-se vaga de luxo

Donos de apartamentos amplos e bem localizados na Zona Sul do Rio oferecendo aluguel de quartos. Esse tipo de anúncio começa a ganhar espaço nos classificados dos jornais, ao lado das tradicionais ofertas de vagas em locais menos nobres. E mostra que, para manter o status e as contas em dia, há quem esteja partindo até para a perda da privacidade.

É o caso da proprietária de um quatro quartos na Rua Constante Ramos, na quadra da praia, em Copacabana, que pediu para não ser identificada — a vergonha ainda pesa muito para a *ex-próspera* classe média. Ela é viúva, mora com o filho e está alugando, por Cr\$ 65 mil, um dos quartos de seu amplo apartamento, equipado com dois banheiros e um lavabo. A inquilina terá direito a televisão e uso do telefone e do fogão, para o preparo de refeições rápidas. A viúva explica que sua pensão é baixa diante dos custos de manutenção do

imóvel. Só o condomínio, segundo ela, chega a Cr\$ 130 mil.

A história se repete num apartamento do mesmo porte, na Rua Miguel Lemos, também próximo à beira-mar em Copacabana. A dona do imóvel explica que está “no maior aperto” e, por isso, como mora apenas com o filho pequeno, decidiu alugar, pela primeira vez, a suíte e um outro quarto, a Cr\$ 70 mil cada.

Nos dois casos, os candidatos devem preencher requisitos básicos, como trabalhar fora e apresentar referências. Também da classe média, são pessoas que, com o contracheque minguado pela alta da inflação, não conseguem mais arcar sozinhas com um aluguel ou encontram nesse tipo de vaga o caminho para deixar a casa dos pais. Isso porque, com Cr\$ 70 mil — valor cobrado, em média, pelas vagas *de luxo* — não é possível mais alugar sequer um conjugado no Centro da cidade, *cotado* na faixa de Cr\$ 90 mil (*Carina Caldas*)